

O BALÉ DA FLÂNEUSE SOBRE RODAS (ST 11 – ESPAÇOS E DIFERENÇAS: GÊNERO, RAÇA, ETNIA E DIVERSIDADE)

Anna Luiza Barbosa da Silva

Universidade Federal Fluminense | silva_anna@id.uff.br

Pedro da Luz Moreira

Universidade Federal Fluminense | pedroluz@id.uff.br

Ana Clara do Couto Souto

Universidade Federal Fluminense | accsouto@id.uff.br

Sessão Temática 11: Espaços e diferenças: gênero, raça, etnia e diversidade

Resumo: Esta pesquisa se propõe a realizar aprofundamentos entorno da relação entre mulheres, skate e espaço urbano. Há, também, o propósito de contribuir a estudos posteriores relativos às vivências citadinas de mulheres skatistas. Para isso, esse estudo remonta a contribuições intelectuais como a teoria da dominação masculina e da divisão sexual de tarefas, sendo esta uma abordagem que remonta ao período pré-histórico. Atravessa a trajetória do skate, novos desenvolvimentos do objeto e sua chegada no Brasil. Além disso, propõe questionamentos entorno das experiências das que intitulamos *flâneuse* sobre rodas. Por fim, o presente trabalho sugere a corpografia urbana como possível instrumento para auxiliar na condução investigativa entorno de duas indagações centrais feitas no desenrolar desse estudo: como é percebido pela sociedade o balé da *flâneuse* sobre rodas? A *flâneuse* sobre rodas se sente confortável para apropriar-se de um *pico* tradicional como o Largo do Paço?

Palavras-chave: espaço urbano; corpografia urbana; *flâneuse*; skate; dominação masculina

THE FLÂNEUSE BALLET ON WHEELS

Abstract: This research aims to delve into the relationship between women, skateboarding, and urban space. It also seeks to contribute to future studies regarding the urban experiences of female skateboarders. To achieve this, the study draws on intellectual contributions such as the theory of male domination and the sexual division of labor, an approach that traces back to the prehistoric period. It covers the trajectory of skateboarding, the object's new developments, and its arrival in Brazil. Additionally, it raises questions about the experiences of those we refer to as '*flâneuses on wheels*.' Finally, this work suggests urban corpography as a potential tool to assist in the investigative process surrounding two central questions raised during the course of the study: How is the ballet of the *flâneuse* on wheels perceived by society? Does the *flâneuse* on wheels feel comfortable appropriating a traditional spot like Largo do Paço?

Keywords: urban space; urban corpography; *flâneuse*; skateboard; male domination

EL BALLET FLÂNEUSE SOBRE RUEDAS

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo profundizar en la relación entre mujeres, skate y espacio urbano. Además, busca contribuir a estudios futuros relacionados con las experiencias urbanas de las mujeres skaters. Para ello, este estudio se remonta a contribuciones intelectuales como la teoría de la dominación masculina y la división sexual del trabajo, siendo este un enfoque que se remonta al período prehistórico. Abarca la trayectoria del skate, los nuevos desarrollos del objeto y su llegada a Brasil. Además, plantea interrogantes sobre las experiencias de aquellas a quienes denominamos flâneuses sobre ruedas. Finalmente, este trabajo sugiere la corpografía urbana como una posible herramienta para auxiliar en la conducción investigativa en torno a dos preguntas centrales planteadas en el desarrollo de este estudio: ¿Cómo percibe la sociedad el ballet de la flâneuse sobre ruedas? ¿La flâneuse sobre ruedas se siente cómoda apropiándose de un pico tradicional como el Largo do Paço?

Palabras clave: espacio urbano; corpografía urbana; flâneuse; skate; dominación masculina

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe uma reflexão entorno do que são as experiências citadinas de mulheres skatistas, com um recorte para a Praça XV de Novembro, no Centro do Rio de Janeiro. Para isso, essa explanação se aprofunda em três eixos: gênero, cidade e skate. É, portanto, necessário ressaltar a importância de revisitar teorias que aludam aos segmentos supracitados, para, então, viabilizar análises e associações coesas.

A priori, realiza-se uma breve abordagem relativa à relação de dominação institucionalizada entre homens e mulheres, com o intento de compreender as origens da relação de dominação entre gêneros, bem como, de suas reproduções em ambientes de sociabilidade – especialmente espaços urbanos. Para isso, consultou-se uma das bibliografias de referência tangentes à dominação masculina (Bourdieu, 2002). Além de uma abordagem feminista que remonta ao período pré-histórico, especialmente no que concerne à noção de divisão sexual do trabalho (Mies, 2016).

Em sequência, estrutura-se uma análise da origem da prática do skate e alguns desdobramentos pontuais. Assim sendo, a presente investigação se debruçou em literaturas acerca do skate enquanto prática e de seu momento inaugural, acompanhado de sua chegada no Brasil atravessada de novos desenvolvimentos do objeto (Brandão, 2011). Além disso, foi necessário realizar aprofundamentos entorno da apropriação de espaços não-destinados à prática de skate e da consolidação de picos tradicionais (Machado, 2012).

Posteriormente, se estabelece um contraponto reflexivo entre a figura do *flâneur* e da *flâneuse* (Elkin, 2022) com um recorte para a associação desses conceitos aos vívidos corpos de skatistas (Brandão, 2011). Ademais, esta investigação busca situar o skate enquanto um elo possível entre a teoria da *flâneuse* (Elkin, 2022) e a noção de balé das ruas (Jacobs, 2011).

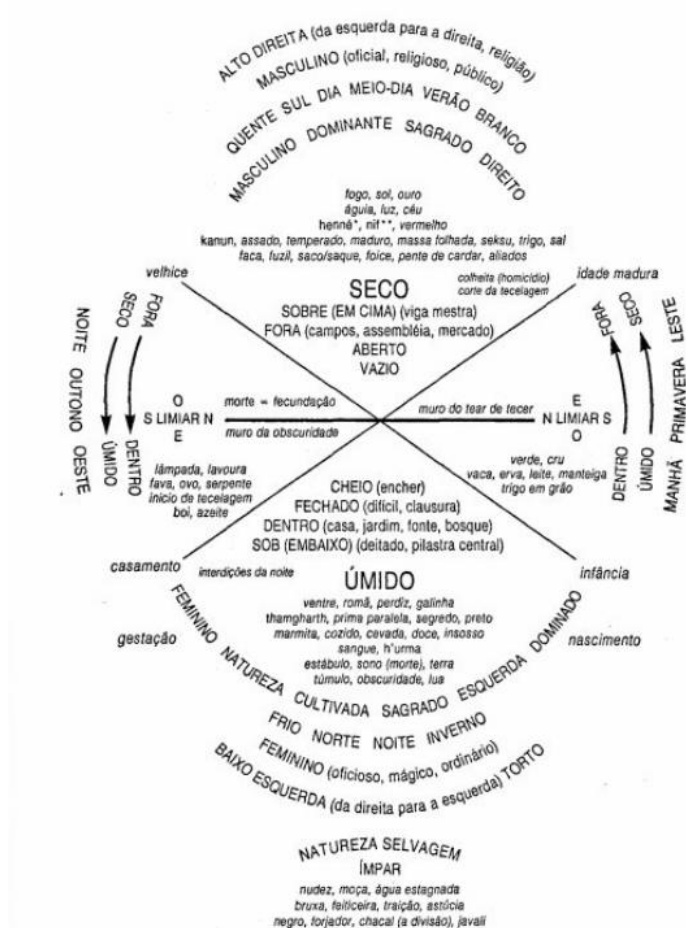
Por fim, o conceito de corporeidade embasado através da fenomenologia, e, difundido fortemente após os estudos de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), aparece nessa investigação como base responsável por corroborar novas teorias. É o caso da ideia de corpografia urbana (Britto; Jacques, 2008), que se apresenta como possibilidade de ferramenta condutiva para apreender narrativas de mulheres skatistas.

CORPO, ESPACIALIDADE E A DINÂMICA DA DOMINAÇÃO MASCULINA

O conceito de dominação masculina estruturado por Bourdieu (2002) é elemento indissociável às bases deste estudo. Segundo o sociólogo, a noção de dominação masculina coexiste às sociedades enquanto perspectiva neutra dentro das relações sociais entre gêneros. As investigações acerca das performances dos corpos de mulheres skatistas, e, também de disputas territoriais nos espaços urbanos em que há prática de skate – experimentadas por um recorte de gênero – deve partir de uma análise crítica sobre a força da ordem masculina.

Em sua obra, Pierre Bourdieu constrói um sistema de representação visual em que evidencia oposições que envolvem a noção de masculino e feminino. Por sua vez, esse sistema abrange desde aspectos naturais até pontos que tangem à vivência dos corpos nas cidades. O esquema sinóptico de oposições pertinentes (Bourdieu, 2002) referente às dicotomias geradas a partir de divisões sexuais da sociedade, revela conceitos paradoxais que sugerem o enquadramento a lacunas espaciais determinantes.

Figura 1: Esquema sinóptico de oposições pertinentes



Fonte: Bourdieu (2002, p.19)

No esquema (Figura 1), destaco um paradoxo que elucida o lugar do homem e o lugar da mulher na relação espaço público e propriedade privada. Nota-se que a ideia de feminino está associada ao conceito de dentro, que, por sua vez, está correlacionado à noção de casa. Enquanto a ideia de masculino está associada ao conceito de fora, que, por outro lado, está correlacionado à ideia de assembleia. Dessa oposição, pode-se interpretar que a noção de lugar contempla homens e mulheres de maneiras dicotômicas. Enquanto as ideias de dentro e de casa associam-se à clausura e distanciam-se da vida pública. As noções de fora e de assembleia convergem com aquilo que entendemos por locais que fomentam decisões relevantes às cidades e às sociedades.

A partir da noção estrutural de que o homem pertence ao lado de fora, se considerarmos a cidade por esta ótica, partiremos para o entendimento de que os espaços públicos são da ordem do domínio masculino e, portanto, foram constituídos a partir de sua compreensão. É, portanto, neste sentido, que Tavares (2015) traz à baila o conceito de universalismo para sua tese intitulada “Indiferença à Diferença”, a qual indica que “as premissas do urbanismo se baseiam num determinado universalismo que historicamente exclui as mulheres.” (Tavares, 2015, p.37).

Ainda sob este eixo, o universalismo associado ao urbanismo pode ser considerado um dos dificultadores na concepção da noção de pertencimento à cidade experienciado pelos corpos que fogem à normatividade masculina. Afinal, durante o planejamento urbano – e dentro da rotina da cidade – existe uma concepção imaginária ideal de quais corpos podem ocupar determinados espaços e quais corpos não deveriam ocupá-los?

Desenvolvendo a temática, menciono as investigações de Mies (2016), que se propõe a compreender as origens da divisão sexual do trabalho. A socióloga alemã realiza um retorno à pré-história, apoiada sob uma abordagem feminista, e pontua questões relevantes ao entendimento dos eixos a que se destinam as tarefas desempenhadas por homens e por mulheres.

De acordo com Maria Mies: “A busca pelas origens sociais dessa relação de dominação entre homens e mulheres é consequência necessária do levante feminista” (Mies, 2016, p.839). Entende-se, portanto, que a dominação masculina passa a ser questionada a partir de um momento na história em que há uma organização social através de um movimento com interesses comuns. A vontade de compreender o fenômeno da dominação masculina enraizada surge em detrimento do reconhecimento das desvantagens sociais experimentadas pelas mulheres.

Em concordância com a concepção de que só há retorno na história para entender as origens da divisão sexual do trabalho, porque um grupo reconhece que padece de desvantagens sociais. Abordo uma passagem do prefácio brasileiro da obra de Nancy Fraser “*O Velho Está Morrendo e o Novo Não Pode Nascer*”, escrita por Marques (2020), que remonta a Antônio Gramsci (1891-1937) e a teoria da subalternidade:

Mas é justamente nos momentos em que a hegemonia não está tão solidamente assegurada – em momentos como diz Gramsci “que massas antes passivas entram em movimento”, que “se destacam das ideologias tradicionais” e não acreditam mais no que antes acreditavam” – que a ação política e a intervenção acidental de grupos ou indivíduos ganham mais importância (Marques, 2020, p.24).

Outro momento relevante a este estudo situa-se numa análise crítica acerca do imaginário do perfil do provedor e da potência da caça animal – mais especificamente no que concerne ao período pré-histórico. À vista disso, Mies (2016) argumenta que, na verdade, é impulsionado por diferentes eixos de dominação, o ideário difundido culturalmente da figura masculina enquanto principal responsável pela continuidade da espécie humana:

Em virtude de novas pesquisas (próprias e de outros), cientistas feministas refutaram essa hipótese da primazia da caça, juntamente com as teses sobre a soberania da alimentação carnívora, do princípio do vínculo masculino etc. Suas pesquisas recentes desmascararam o modelo do homem-caçador como uma projeção sexista, capitalista e imperialista das relações de hoje para observar os tempos pré-históricos. A função ideológica dessa projeção é legitimar e atribuir universalidade, atemporalidade e caráter natural às relações de dominação existentes entre mulheres e homens, entre, de um lado, povos e classes subalternizados e, de outro, seus dominadores e exploradores (Mies, 2016, p.856).

Ademais, Maria Mies propõe uma correlação entre o que ela chama de teoria do “homem-caçador” e do “homem-ferramenteiro” (Mies, 2016). Nesse sentido, a autora argumenta que as ferramentas comumente associadas à homens pré-históricos eram propositivas à caça. Mies (2016) defende a ideia de que a hierarquia imposta pela divisão sexual do trabalho possui grande influência do potencial destrutivo das ferramentas utilizadas pelos homens, e, não pelo fato de eles proporcionarem alimentos ricos em proteína e, supostamente, em maior quantidade através da caça, se comparado à coleta alimentícia.

Combinadas as ideias propostas através do esquema sinóptico de oposições pertinentes (Bourdieu, 2002) e das elucidações entorno das noções de “homem-caçador” e “homem-ferramenteiro” (Mies, 2016). Torna-se possível avançar e presumir que a divisão sexual, analisada através das funcionalidades das ferramentas, pode se estender à binaridade institucionalizada em objetos da modernidade. Nesse sentido, o skate¹ enquanto objeto associado à prática urbana, que confere movimento ao corpo, e, que depende do auxílio de ferramentas manuais² para promover ajustes, pode estar estruturalmente associado à figura masculina.

SKATE: SOBRE OBJETO E PRÁTICA URBANA

FORMA, FUNÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Em sequência, buscou-se por bibliografias que se debruçassem sobre a história do skate e, que, contemplassem pontos cruciais de seu desenvolvimento para o aprofundamento de críticas e reflexões do presente estudo. Para tanto, a pesquisa de Brandão (2011) apresenta-se como uma aliada, pois aborda a historiografia do movimento skatista, faz menção a referências literárias e audiovisuais envolvendo o skate e apresenta correlações coesas entorno da figura do skatista.

Brandão (2011) explicita que apesar de o skate receber sua primeira patente em 1936, foi apenas entre as décadas de 1960 e 1970 que a prática se popularizou – primeiramente nos Estados Unidos da América e depois se expandindo para outros países, como o Brasil.

A estrutura básica de um skate comum pode-se resumir ao *shape*³, dois pares de rodas e dois *trucks*⁴. Em síntese, a forma e a função do objeto não passaram por muitas modificações. No entanto, Brandão (2011) sugere que o maior marco relativo à modernização do objeto, diz respeito à sua forma e possui relação com o desenvolvimento do poliuretano.

De fato, a grande transformação nesta prática ocorreu somente em 1972, com a adaptação e introdução do poliuretano na construção das rodas de skate, as quais antes eram produzidas somente com borracha, ferro ou argila. Essa nova tecnologia acarretou uma reviravolta na história dessa atividade, pois com o poliuretano os skates passaram a ser mais velozes e aderentes ao pavimento, conquistando rapidamente um maior número de adeptos e possibilitando uma maior variedade de manobras. O resultado foi a criação de pistas, campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas (Brandão, 2011, p.32).

Os primeiros skates chegaram ao Brasil ainda na década de 1960, antes mesmo da fabricação de skates com rodas de poliuretano. Então, apesar de o objeto ainda não deter de um material que otimiza a capacidade de amenizar impactos do skate com o solo e de viabilizar movimentos com alta velocidade, a atividade começou a se popularizar em território nacional, primeiramente na cidade do Rio de Janeiro. Em relação à prática do movimento skatista, Brandão aponta o Rio de Janeiro da época – por suas especificidades territoriais e contextuais – enquanto “terreno propício para se desenvolver” (Brandão, 2011, p.72).

Assim sendo, assume-se que a cidade do Rio de Janeiro começaria a ser palco de um movimento que pode ser enquadrado na noção, desenvolvida por Jacobs (2011), de balé das ruas. Jane Jacobs defende a ideia de balé das ruas enquanto as múltiplas atividades cotidianas, em diferentes partes das cidades, desempenhadas pelos cidadãos em horários não especificados e que conferissem vida e movimento às ruas.

De maneira simples, para se praticar o skate, só são precisos o próprio objeto e o solo. Portanto, o exercício não era tão dependente de fatores naturais – como o surfe, que carece de ondulações marítimas –, ou então, de locais propriamente destinados ao exercício – o skate pode ser praticado em solos lisos ou irregulares, com ou sem obstáculos, em qualquer horário e local –, proposta que dialoga diretamente com a noção de balé das ruas (Jacobs, 2011). Nesse sentido, entende-se que as práticas skatistas que começaram a acontecer no século XX no Rio de Janeiro são parte de um enredo comum, em que os corpos atuam enquanto elementos que excitam as ruas da cidade.

Essa dança vivenciada pelos corpos dos skatistas, por sua vez, acontece em locais destinados e não-destinados à prática skatista nas cidades – o skate de rua, por exemplo, é um tipo de prática em que costuma se apropriar de elementos das ruas para executar manobras e movimentos, diferentemente do skate praticado em pistas projetadas. À vista disso, a primeira pista de skate da América Latina foi inaugurada no Rio de Janeiro, mais especificamente em Nova Iguaçu, no ano de 1976 (Oliveira, 2023). Antes disso, os skatistas se apropriavam exclusivamente das ruas da cidade e elegiam *picos* pelas formas e funções do espaço. No que se refere a motivação dos skatistas em apreender espaços não-destinados ao exercício do movimento:

O que lhes atraem nas mesmas é a possibilidade de encontrar diferentes tipos de *picos*, ou seja, equipamentos urbanos (bancos, corrimãos, escadas, canteiros) que se tornam obstáculos onde se realizam as manobras (Machado, 2019, p.10).

É, portanto, sob essa assertiva que se estrutura o movimento de skatistas na Praça XV de Novembro, no Centro do Rio de Janeiro.

PRAÇA XV DE NOVEMBRO: DA DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA A UM PICO TRADICIONAL DE SKATE

A Praça XV de Novembro é considerada um *pico* tradicional pelos skatistas e por algum tempo o exercício foi proibido no local. Eduardo Miranda – correspondente do veículo jornalístico Brasil de Fato – entrevistou Wilson Domingues – conhecido como Wilbor –, um dos fundadores do Coletivo XV, responsável pela legitimação da prática de skate na Praça XV de Novembro. Além de defenderem o skate como parte da Praça XV de Novembro, os skatistas realizam intervenções no espaço. De acordo com Domingues em entrevista concedida à Miranda (2018):

“Na primeira fase, éramos expulsos da Praça. Agora, a modificamos visualmente. Mas modificamos não para transformá-la em uma pista de skate. Sentimos a necessidade de andar de skate na rua, porque nossa modalidade é o street skate. E não só para praticar o skate, mas também viver a rua, encontrar as outras pessoas, outros grupos urbanos, grupos de bicicleta, de hip-hop, de dança, estar no meio da rua e ver esse movimento, ter a liberdade de reinterpretar o espaço e ter a oportunidade de repensar o espaço e modificá-lo” afirma Wilbor (Miranda, 2018).

Por sua vez, a Praça XV de Novembro, localizada no Centro do Rio de Janeiro é embargada de grande significância histórica. Data-se que a construção do Paço Real se deu em 1733 e que em 1808 tornou-se residência da família real portuguesa (Miceli, 2016). Em 1822, após declarada a Independência do Brasil por D. Pedro, o Paço Real passa a se chamar Paço Imperial (Miceli, 2016). Além disso, sua extensão foi palco de acontecimentos marcantes para a história do país.

De acordo com Miceli (2016), foi em 1888, dentro do edifício do Paço da Cidade que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea – referente à libertação dos escravizados no país. Também no entorno dessa mesma praça, em 15 de novembro de 1889 – data que deu nome à praça – ocorreu a Proclamação da República do Brasil. A partir deste momento na história do país, o Paço Imperial recebeu diferentes funções e significações para a sociedade. Ainda referente aos estudos de Miceli (2016), o antigo Paço correspondeu à Agência dos Correios e Telégrafos, até 1982. E em 1985, tornou-se Centro Cultural do Paço Imperial.

Em síntese, Miceli (2016) propõe que a Praça XV de Novembro e o Paço da Cidade são uma amostra de espaços públicos urbanos em que as funções sofrem alterações, vide as demandas de cada sociedade em cada momento da história.

Em relação à forma e função do atual Largo do Paço, pode-se dizer que a Praça XV de Novembro – diferente de outras praças da cidade – não possui nenhum tipo de cercamento, o que viabiliza o seu livre acesso, possibilitando que haja intervenção humana durante todos os dias e horários da semana. As especificidades do solo do Largo do Paço proporcionam um

encontro suave com as rodas de um skate e, conseqüentemente, contribuem para uma boa execução de movimentos. Numa cidade onde a irregularidade da pedra portuguesa é constante, ter uma praça extensa e com um piso que oferece fluidez de movimento em sua textura, certamente é um atrativo. Além disso, o espaço é repleto de obstáculos inseridos no ambiente pelos usuários do que podemos chamar de *palco*⁵ – o que viabiliza possibilidades múltiplas de manobras, bem como de outros usos, que não apenas o exercício do skate, por outros cidadãos. Outro ponto relevante à observação é que os obstáculos estão posicionados sob a copa de árvores que garantem sombra por quase todo o *palco* e em boa parte do dia.

Decerto, a densa bagagem histórica da Praça XV de Novembro, associada aos seus usos e intervenções por parte dos skatistas, às características morfológicas e à teoria de Machado (2019) se complementam no entendimento do Largo do Paço enquanto um *pico* tradicional de skate no Rio de Janeiro.

GRUPOS URBANOS E ESPACIALIDADES

Com base no que fora exposto até então, há espaço para indagar. Assim sendo, no que concerne à cena do skate enquanto movimento, de que forma o peso da dominação masculina (Bourdieu, 2002), combinado à significância de um *pico* tradicional, pode se transpassar em uma espécie de inibição que escolta as vivências de mulheres skatistas nesse espaço?

Esse último questionamento se reflete nitidamente no segundo episódio da primeira temporada da série *Betty* (2020)⁶. A produção audiovisual ficcional retrata as experiências de jovens nova iorquinas inseridas na cena do skate, representada majoritariamente por homens da cidade.

O segundo episódio da primeira temporada de *Betty* traz à baila uma cena que sugere um momento agressivo numa pista de skate com vários skatistas em exercício. Uma das personagens do núcleo principal intitulada *Indigo* está se iniciando na prática skatista e esbarra em um skatista em movimento. Ele, por sua vez, profere uma série de insultos à *Indigo*, que verbaliza para as amigas seu desconforto, porém não omite a previsibilidade do momento. A cena em sequência apresenta uma alternativa encontrada pelo grupo das jovens skatistas para exercer a prática do skate sem interferências da coerção masculina: uma sessão noturna, horário em que o mesmo espaço aparece sendo apreendido apenas por elas.

Figura 1: Betty, 2020.



Fonte: <https://www.hbo.com/betty> Acesso em agosto de 2024.

TOCAR O MUNDO COM O CORPO

ONDE EMERGE A FLÂNEUSE SOBRE RODAS?

Com o intento de trabalhar com uma correlação conceitual à figura do skatista, Brandão (2011) estabelece uma conexão deste com a noção de *flâneur*. O *flâneur* – interpretado por Walter Benjamin (1892-1940), através do pioneirismo literário do termo cunhado por Charles Baudelaire (1821-1867) – pode ser considerado como: “aquele que vagueia a esmo” (Elkin, 2022, p.13). Contudo, a teoria da *flâneuse* – palavra de origem francesa convertida do substantivo masculino para o feminino – (Elkin, 2022) confronta a ideia de gênero do *flâneur*. Portanto, a *flâneuse* surge a partir do entendimento de que o imaginário do *flâneur* teve o gênero masculino pré-estabelecido em sua concepção. Elkin (2022) propõe um redirecionamento de narrativa e foca em visibilizar as experiências de mulheres que decifram as cidades com as solas dos pés.

Enquanto o *flâneur* coexiste às ruas pela lógica de que: “contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fustigadas pelos sopros do sol” (Baudelaire, 1996, p.21). Elkin percebe a *flâneuse*: “usando as cidades como esconderijo secreto; [...] para se libertar da opressão; [...] para declarar sua independência; como local para mudar o mundo ou ser mudada por ele” (Elkin, 2022, p.34).

Dentre as correlações realizadas por Brandão (2011), o conceito de *flâneur* atravessa uma abordagem que sugere a existência de um novo perfil de *flâneur*, que além de caminhar, plaina sobre rodas: “Este novo *flâneur* deslizante não só vê o mundo, mas é por ele olhado, fustigado, apreciado ou seduzido” (Brandão, 2011, p.80). O autor se refere, assim sendo, ao skatista enquanto um *flâneur*, ligeiramente, adaptado ao imaginário inaugural defendido por Baudelaire e difundido por tantos outros autores como Walter Benjamin (1892-1940) e Edgar Allan Poe (1809-1849).

Em contrapartida, durante sua exposição, Elkin (2022) sugere que a *flâneuse* é – apenas por ser mulher e ocupar espaços urbanos – uma figura transgressora. No desenrolar de sua obra, a autora faz alusão a mulheres emblemáticas que apreendiam às ruas da cidade e construía

suas próprias narrativas – a exemplo da cineasta Agnès Varda (1928-2019). Porém, sua presença nos espaços urbanos nunca se deu pela ordem da dominância.

Figura 1: An American Girl In Italy, Florence; Ruth Orkin, 1951.



Fonte: <https://www.orkinphoto.com/> Acesso em agosto de 2024.

Decerto, a partir de uma metodologia que centralize o corpo e confira a ele potencial de verbalização e comunicação direta com o mundo – é possível construir uma associação coesa entre mulheres skatistas e a noção de *flâneuse*. É justamente desse lugar que emerge a noção de *flâneuse* sobre rodas. Em consonância, a presente investigação intenta estruturar um elo entre a *flâneuse* sobre rodas e a ideia de balé das ruas (Jacobs, 2011). Conferindo, portanto, centralidade, também, ao skate enquanto agente ativo do balé das ruas, ao mesmo passo em que acompanha a *flâneuse* no seu movimento urbano de emancipar-se de formas de dominação e de tocar e ser tocada pelo mundo.

CORPO-NARRADOR

Para contribuir com o caminho percorrido até então, aludo à ideia da corpografia urbana (Britto; Jacques, 2008) como maneira possível de destacar narrativas de corpos viventes em espaços urbanos. Este conceito, portanto, afigura-se enquanto aliado a pesquisas envolvendo corpo e cidade e pode ser aprofundado através das contribuições de suas autoras (Britto, 2013; Britto; Jacques, 2008) e de outros pesquisadores (Nascimento, 2016) que se apropriam da corpografia urbana para estruturar suas pesquisas.

A noção de corpografia urbana possui certa relação com o conceito de corporeidade. Em uma investigação acerca da origem da corporeidade e de seus diferentes enquadramentos epistemológicos, Baptista (2022) faz destacada menção à Maurice Merleau-Ponty (1908-1961)⁷, que entende o corpo como meio de se comunicar com o mundo. Além disso, o filósofo sugere que a corporeidade antecede qualquer noção de pensamento, sendo, portanto, inerente ao ser humano.

Por sua vez, Scorsolini-Comin e Amorim (2008), em um trabalho de revisão literária acerca do conceito de corporeidade, citam as colaborações de Leder (1984) e Polak (1997) para falar do conceito de “corpo vivido” ou “corpo vivente”, cunhado por Merleau-Ponty. Com isso, Leder e

Polak corroboram com a ideia do filósofo francês, que entende o corpo como um ponto de contato direto com o mundo, os indivíduos e os objetos.

Dentre todas as inflexões acerca do corpo em contato com o mundo, a seguinte parece dialogar com o que temos tentado construir até então. Scorsolini-Comin e Amorim (2008) se debruçam sobre as contribuições pós-estruturalistas de Paterson e Hughes (1999), que entendem o corpo enquanto um produtor de discursos. Esta abordagem, percebe, também, o corpo como um mecanismo vivo, que se alimenta do contexto ao mesmo passo que o alimenta.

Após esses adendos, me debruço sobre a noção de corpografia urbana, com o intuito de me aproximar ainda mais de uma abordagem que dialogue com a corporeidade de mulheres skatistas. Assim sendo, o entendimento do corpo enquanto sujeito da vida nas cidades é extremamente caro a esta investigação. Pois, além de conferir centralidade ao corpo, sugere uma correlação entre as movimentações dos cidadãos e os espaços urbanos percebidos.

Nesse sentido, Nascimento (2016) trabalha com a ideia de uma etnografia urbana que não se atém à usos tradicionais dos espaços e, sim, embasada pelas múltiplas ocupações espaciais pelos indivíduos. Em suma, considero que a combinação - sugerida por Nascimento - de etnografia e corpografia pode potencializar estudos que se aprofundem nas experiências cidadinas de mulheres skatistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou traçar um caminho que envolvesse embasamentos teóricos acerca da relação de mulheres skatistas com o espaço urbano. Esses embasamentos, por sua vez, foram conduzidos a partir de uma certa temporalidade e de segmentações temáticas, que em pontuais momentos se entrelaçam.

Primeiramente, observa-se que, de fato, a dominação masculina (Bourdieu, 2002) é uma perspectiva que coexiste às cidades e às sociedades de maneira neutralizada. Isso fica evidente em algumas partes do texto, como no exemplo que remonta à produção audiovisual *Betty* (2020). Em paralelo, as investigações de Mies (2016) também dialogam com a noção de dominação masculina institucionalizada e acrescentam uma crítica cientificamente embasada acerca da parcialidade de narrativas construídas acerca da divisão sexual de tarefas, corrompida por questões como o sexismo e o capitalismo.

Em sequência, uma combinação teórica revela o skate como um movimento que coexiste às ruas da cidade e as alimenta constantemente através de sua prática. Trata-se dos aprofundamentos na trajetória historiográfica do skate através dos estudos de Brandão (2011), acompanhados de noções da elegibilidade de locais para a prática skatista evidenciadas por Machado (2012). Além disso, salta aos olhos o potencial que determinados lugares possuem de passarem por mudanças em relação aos papéis que exercem para as sociedades de cada época, como sugere Miceli (2016) numa visita aos passados da Praça XV

de Novembro, espaço que hoje é culturalmente conhecido enquanto um *pico tradicional* de skate no Rio de Janeiro.

Por fim, o caminho percorrido desaguou numa perspectiva proposta pelo trabalho de Nascimento (2016), em que a pesquisadora combina a metodologia de etnografia urbana à ideia de corpografia urbana (Britto; Jacques, 2008). O diálogo entre as áreas, sugerido por Nascimento (2016), se apresenta como ferramenta condutora capaz de conferir centralidade às narrativas do corpo.

A partir dessa perspectiva, portanto, poderá ser possível estruturar cientificamente os principais questionamentos gerados através desse estudo: como é percebido pela sociedade o balé da *flâneuse* sobre rodas? A *flâneuse* sobre rodas se sente confortável para apropriar-se de um *pico* tradicional como o Largo do Paço?

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, T. J. R. Corporeidade e epistemologia. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 112–135, 2022. DOI: 10.20396/rfe.v14i1.8668684. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668684>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, L. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Grande Dourados, 2011.

BRITTO, F. D. A ideia de corpografia urbana como pista de análise. **Revista Redobra**, ano 4, nº 12, p-36-38, 2013.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ELKIN, L. **Flâneuse**: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. Tradução: Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.

FRASER, N. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. Tradução: Gabriel Landi Fazzio. Autonomia Literária, 2020.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MACHADO, G. Skate na cidade, imagens da cidade: notas etnográficas sobre a conquista de picos. **Ponto Urbe**, n. 10, 2012c. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/305>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MICELI, B. S. O desenvolvimento do espaço urbano do Rio De Janeiro: principais observações a partir do paço da cidade. **Geo UERJ**, [S. l.], n. 28, p. 332–352, 2016. DOI: 10.12957/geouerj.2016.14606. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/14606>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MIES, M. Origens sociais da divisão sexual do trabalho. a busca pelas origens sob uma perspectiva feminista. **Revista Direito e Práxis**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 838–873, 2016. DOI: 10.12957/dep.2016.25360. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/25360>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MIRANDA, E. *Skatistas fazem da Praça XV, no Rio de Janeiro, lugar de resistência e cultura*. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/05/29/skatistas-fazem-da-praca-xv-no-rio-de-janeiro-lugar-de-resistencia-e-cultura>. Acesso em: 14 ago. 2024

NASCIMENTO, S. de S. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, n. 19, p. [10], 2016 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3316>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ORKIN, R. *American girl in Italy, 1951*. Disponível em: <https://www.orkinphoto.com/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMORIM, K. de S. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189–214, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 jul. 2024.

TAVARES, R. B. **Indiferença à diferença**: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero. 2015. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

FILMOGRAFIA

BETTY. (Temporadas 1 e 2). Seriado. Direção: Crystal Moselle. Produção: Britta Lundi, Lizzie Nastro, Izabella Tzenkova, Naima Ramos-Chapman, Ben Snyder. Elenco: Dede Lovelace, Nina Moran, Kabrina Adams, Ajani Russell, Rachelle Vinberg. New York: HBO, 2020.

¹ Skate recebe sua primeira patente em 1936 (Brandão, 2011)

² Algumas ferramentas manuais utilizadas para montagem e manutenção do skate são a chave de fenda fina, chave de allen e chave em diferentes tamanhos

³ Shape: prancha de madeira

⁴ Trucks: eixos que conectam o *shape* aos pares de rodas

⁵ Palco: noção comumente associada ao teatro que se refere ao local destinado às apresentações

⁶ Betty (2020): série original da HBO Max; direção de Crystal Moselle; origem estadunidense

⁷ Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo francês precursor do conceito de corporeidade enquadrado sob uma ótica fenomenológica